

João Filipe Neiva Pinto

N.º 26790

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada com vista à obtenção do grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, nos termos do Decreto-Lei n.º 79/2014 de 14 de maio e do Decreto-Lei n.º 74/2006, de 24 de março, republicado pelo Decreto-Lei n.º 63/2016, de 13 de setembro.

Trabalho realizado sob a orientação da Doutora Maria Fátima Gomes Sarmiento Chaves do Instituto Universitário da Maia e do Professor Filipe José Costa Figueiras do Externato Ribadouro.

Instituto Universitário da Maia

Outubro, 2018

Ficha de Catalogação

Pinto, J. (2018). Relatório da Prática de Ensino Supervisionada do Curso de 2º Ciclo em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário. Apresentado ao Instituto Universitário da Maia.

Palavras-Chave: Educação Física, Escola, Prática de Ensino Supervisionada, Formação Profissional.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, que fizeram com que este sonho se tornasse realidade, que me têm acompanhado nesta minha grande jornada, de altos e baixos mas que acreditaram sempre em mim.

Ao meu irmão Tiago, que sempre me motivou, manteve-se sempre ao meu lado e me apoiou em todos os momentos da minha vida.

Aos meus avós paternos, que continuam a acompanhar-me, infelizmente em outro mundo, mas quero muito dedicar-lhes e partilhar com eles este momento de grande felicidade.

Aos meus amigos de infância, Andrézinho, Hugo, Fábio e André, pelo companheirismo, gargalhadas e por todos os momentos inesquecíveis que passamos e continuaremos a passar juntos!

Ao Pedro, meu grande companheiro nesta jornada inesquecível, que vou guardar para sempre, os nossos momentos de maior tensão, cooperação e incansável apoio, guardo-te para a vida.

Ao Externato Ribadouro, por ter tornado esta experiência ainda mais gratificante. Toda a comunidade escolar teve grande importância e envolvimento ao longo deste percurso.

Ao professor cooperante, Filipe Figueiras, por todos os conselhos, ensinamentos, apoio, correções e alguns raspanetes, que me ajudou a ser um melhor profissional.

À minha turma do 7ºB, aqueles miúdos vão deixar muitas boas memórias. Desde o início, nos momentos difíceis de entendimento, da contínua capacidade de crescimento e consciencialização que estes miúdos desenvolveram ao longo do ano, tornaram-me um professor ainda mais flexível e compreensível.

À minha turma do 10ºA5, que estabelecemos logo uma forte empatia. De forma generalizada, sem exceções, todos eles procuram estabelecer uma ligação comigo e que hoje

dou graças por ter partilhado este caminho com eles. Todas as aulas, com aqueles sorrisos e boa disposição, para além de terem contribuído significativamente para o meu desenvolvimento, sinto que consegui deixar uma marca positiva. Foi dos momentos mais gratificantes na minha vida aos quais vou guardar com muito carinho.

À professora Doutora Fátima Sarmiento, por continuamente mostrar o seu apoio, estar sempre presente para ajudar e esclarecer todas as dúvidas desde o início do estágio. Sem dúvida, senti um forte contributo, um incentivo para melhorar e fazer cada vez melhor.

Ao Sr. António, pela paciência e constante apoio e preocupação. Por me ter ajudado, com a sua experiência e sabedoria e sobretudo pela forma encorajadora que me manteve motivado e focado nos meus objetivos.

À Filipa, a mulher incansável, que me apoia de forma incondicional e que consegue fazer de mim, todos os dias, um homem melhor. Que esteve, está e estará ao meu lado nos momentos bons e menos bons e que eu guardo com muito valor e dedicação, o contributo ao longo deste longo caminho na realização deste sonho.

Resumo

O presente relatório da Prática de Ensino Supervisionada, do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, no Instituto Superior da Maia, pretende descrever todo o trabalho, atividades e o percurso no desenvolvimento do exercício profissional da docência e da sua lecionação, que foi desenvolvido ao longo deste ano letivo de 2017/2018, no Externato Ribadouro.

Esta experiência foi partilhada com o meu colega de curso, Pedro Correia, com o Dr. Filipe Figueiras, Orientador Cooperante e com a Professora Doutora Fátima Sarmento, supervisora pedagógica, onde acompanharam de perto todo o trabalho realizado ao longo do ano letivo, contribuíram para o meu sucesso e desenvolvimento dos meus conhecimentos e competências como futuro docente de Educação Física.

A prática de ensino supervisionada é uma unidade curricular do 2º ano do mestrado em ensino da educação física nos ensinos básico e secundário e encontra-se dividida em: **Dimensão pessoal e profissional**, que está relacionado com a nossa abordagem pessoal ao longo do nosso percurso académico e as suas expectativas; **Prática em contexto**, que diz respeito à importância da prática de ensino supervisionada, caracterização da escola cooperante e consequente caracterização das turmas correspondentes (7ªB e 10 A5); **Prática profissional: do plano de análise ao da intervenção**, que está organizado de acordo com as normas orientadoras do relatório da PES, a área da organização e gestão do ensino e da aprendizagem, participação na escola e relação com a comunidade escolar e o desenvolvimento profissional; por fim, as **Reflexões**, onde é identificado todo o nosso percurso e contributo ao longo do nosso estágio profissional.

No exercício da prática da docência tive o privilégio de trabalhar com diferentes anos de escolaridade, desde o 5º ano do ensino básico e grupo desportivo de Patinagem (1º ciclo) que foi partilhado com o colega, Pedro Correia, até ao 7º ano e 10º ano de escolaridade, que acompanhei desde o início até ao final do ano letivo.

Ao longo do relatório vai ser possível verificar as competências adquiridas ao longo do ano, bem como o registo e planificação realizada e consequente registo reflexivo que foi organizado e estruturado por mim, estudante estagiário.

Palavras-Chave: Educação Física, Escola, Prática de Ensino Supervisionada, Formação Profissional.

Abstract

The following report, on Supervised Teaching Practice, from the Master Degree in Physical Education in Primary and Secondary Schools, intends to demonstrate all the work, activities and the path of the development of the professional exercise.

This experience was shared with my fellow classmate, Pedro Correia and led by Doctor Filipe Figueiras, Cooperative Adviser, and Doctor Fátima Sarmiento, Educational Supervisor, who were able to follow closely the work accomplished throughout the school year and where they contributed to my success and development of my knowledge, as well as my skills as a future Physical Education Teacher.

The practice of Supervised Teaching is a curricular unit of the 2nd year of the Master in Physical Education in Primary and Secondary Schools and it is divided into: **Personal and Professional dimension**, which is related to our personal approach over our academic career and their expectations; **Practice in context**, regarding the importance of practice of Practice of Supervised Teaching, characterization of the collaborative school and therefore characterization of correspondence classes (7thB and 10thA5); **Professional Practice: the plan of analysis and intervention**, which is organized according to the guidelines of the PST report, the area of organization and management of teaching and learning, participation in school and relationship with the school community and professional development; finally the **Reflections**, where all our course and contribution is identified throughout our professional internship.

In the practice of teaching I had the privilege of working with different years of schooling since 5th year of basic education and the Skating sports group (1st cycle) that was shared with the colleague, Pedro Correia, until the 7th year and 10th year of schooling, that I followed from the beginning until the end of the school year.

Throughout the report it will be possible to verify the skills acquired over the year, as well as the registration and planning carried out and consequent reflective registration that was organized and structured by me, student trainee.

Índice Geral

INTRODUÇÃO.....	9
I. DIMENSÕES: PESSOAL E PROFISSIONAL	10
1. UMA DECISÃO A PARTIR DE UM PERCURSO.....	10
2. EXPECTATIVAS INICIAIS.....	11
II. PRÁTICA EM CONTEXTO.....	13
1. A IMPORTÂNCIA DA PES.....	13
2. A ESCOLA COOPERANTE: LUGAR DE PRÁTICA.....	14
3. TURMAS.....	15
III. PRÁTICA PROFISSIONAL: DO PLANO DA ANÁLISE AO DA INTERVENÇÃO.....	16
1. ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DO ENSINO E DA APRENDIZAGEM.....	16
1.1. Planeamento.....	16
1.2. Realização.....	21
1.3. Avaliação.....	25
1.4. Construir e (re)construir o conhecimento: impactos da minha experiência e atuação.....	26
2. PARTICIPAÇÃO NA ESCOLA E RELAÇÃO COM A COMUNIDADE.....	28
2.1 Atividades realizadas.....	29
2.2 Socialização profissional e institucional.....	31
2.3 Fazer aprender para lá da sala de aula: impactos da minha experiência e atuação.....	31
3. DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL.....	32
3.1. Dificuldades e necessidade de formação.....	32
3.2. Formação contínua: um imperativo da profissão.....	33
IV. REFLEXÕES FINAIS.....	34
1. EXPERIÊNCIA PESSOAL E PROFISSIONAL.....	34
2. A COMPONENTE ÉTICO-PROFISSIONAL.....	34
3. REALIDADE DO CONTEXTO ESCOLAR: IMPACTO DA PES.....	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	37
LEGISLAÇÃO CONSULTADA.....	39

Índice de Siglas e Acrónimos

AC – Aprendizagem Cooperativa

ER – Externato Ribadouro

EE – Estudante Estagiário

EF – Educação Física

OC – Orientador Cooperante

PES – Prática de Ensino Supervisionada

SP – Supervisora Pedagógica

ISMAI – Instituto Universitário da Maia

UD – Unidade Didática

RPES - Relatório da Prática de Ensino Supervisionada

Introdução

O presente documento, designado de Relatório da Prática de Ensino Supervisionada (RPES) foi elaborado no âmbito da unidade curricular a Prática de Ensino Supervisionada (PES), 2º ano do Mestrado em Ensino da Educação Física no Ensino Básico e Secundário, a última etapa para a consolidação de um ciclo de aprendizagem e de conhecimento teórico-prático, realizado no Instituto Universitário da Maia (ISMAI), ao longo dos três anos de licenciatura e dois anos de mestrado.

Neste sentido, a PES é o culminar de todos os conhecimentos e aprendizagens adquiridas e aplicadas no contexto real de trabalho. Permite desenvolver, de forma progressiva e orientada, a integração do Estudante Estagiário (EE) na prática da docência e no desenvolvimento das competências profissionais no âmbito do ensino da Educação Física (EF), o suporte das práticas de formação encontra-se na partilha e no diálogo profissional” Nóvoa, (2007).

Partindo deste princípio, existe um complemento nesta experiência de EE que se encontra na comunidade escolar, Externato Ribadouro (ER) instituição que nos acolheu, pois a sua envolvimento, o respeito e a cooperação por todos os membros responsáveis, independentemente do seu cargo, possibilitou-nos trabalhar e melhorar as nossas capacidades, num ambiente acolhedor e agradável.

Fundamentalmente este relatório compreende quatro pontos, o primeiro ponto aporta as Dimensão Pessoal e Profissional através da uma abordagem do meu percurso académico e as expectativas relativamente à PES. Prática em contexto é o ponto seguinte, onde é referenciado a importância da PES, a caracterização da escola cooperante, lugar de prática e caracterização das turmas que foram atribuídas pelo Orientador Cooperante (OC). A prática profissional, como terceiro ponto, que está estruturado em organização e gestão do ensino e da aprendizagem, participação na escola e relação com a comunidade escolar assim como o desenvolvimento profissional. No quarto ponto, são as reflexões finais, sobre o nosso comportamento e impacto relativamente à experiência pessoal e profissional, a componente ético-profissional e sobre o impacto da prática de ensino supervisionada.

I. Dimensões: pessoal e profissional

1. Uma decisão a partir de um percurso

O desporto e a atividade física estão enraizados na minha cultura e forma de viver desde o momento que consegui distinguir o que gosto e o que não gosto, bem como as minhas preferências na escolha da ocupação dos meus tempos de lazer, enquanto criança.

Parafraseando Cardoso, Batista e Graça (2016, p. 524) “cada professor constrói a sua identidade profissional de um modo próprio e singular”, entre outras palavras, e para mim, desde que me lembro, o contacto com a prática desportiva foi instantâneo, bem antes de ter estabilizado em Portugal, uma vez que sou natural de Genebra (Suíça) e graças aos meus pais, principalmente ao meu pai que sempre manteve uma vida ativa, não só a nível desportivo mas recreativo, recordo-me que houve bons momentos onde a bola de futebol me acompanhou. O meu gosto desportivo, desde cedo, preponderante a nível futebolístico mas rapidamente alargado a outras grandes modalidades desportivas. O desporto sempre assumiu um papel muito importante na minha vida. A nível social, foi mais fácil relacionar-me com os rapazes porque apesar de não ter um vocabulário tão trabalhado, uma vez que não era a minha língua materna e o acréscimo de ser o aluno novo, o que me fazia sentir ainda mais tímido e acanhado, nunca foi uma barreira a nível de relacionamento, o desporto falava por mim e hoje, estou consenciente que se não fosse o desporto nunca tinha tido um relacionamento tão facilitado ou criado laços tão fortes de companheirismo, que ainda hoje em dia mantenho.

Neste desenrolar, estive envolvido na competição profissional de futebol e em simultâneo envolvido na aprendizagem e na prática da modalidade de natação e voleibol. Facilmente intercalava as exigências competitivas com a as diversas atividades que realizava com os meus amigos, desde subir às árvores, jogar futebol até ao final do dia ou ficar várias horas a reconhecer os terrenos baldios onde procurávamos encontrar algo misterioso que muitas vezes nos fazia voltar no dia seguinte.

No acompanhamento da minha adolescência, a prática de atividade física e desportiva manteve-se presente ao longo do meu desenvolvimento pessoal, passava muitas horas na rua, principalmente no Verão, criávamos jogos, muitas vezes com os recursos existentes, tendo a sorte de passar muitos bons momentos, onde adquirir e desenvolvi competências e atributos

físicos, coordenativos, motores e psicológicos, importantes na assimilação de competências para a prática de qualquer atividade ou modalidade desportiva.

Na fase de tomarmos as decisões e no meio de algumas boas e más decisões que fazem parte do nosso desenvolvimento e crescimento, procuramos sempre o melhor para nós e aquilo que nos faz feliz.

O gosto pelo Desporto, por toda a sua envolvência e todas as coisas boas que me trouxe, decidi inscrever-me no Curso de Especialização Técnica (CET) – Técnicas de Desporto e de Lazer, no ano letivo 2012/2013, onde decididamente senti que não podia ficar por aqui. Aquele ano foi incrível, não só pela ambição em dar continuidade à minha formação e por todas as amizades e envolvimento com a instituição que criei, mas o apoio e o trabalho realizado que pelos professores, os temas abordados, a forma como tudo se envolvia com o Desporto, cativaram-me.

Frequentei logo depois, a Licenciatura em Educação Física e Desporto (1º ciclo), entre 2013 e 2016, inicialmente mais preparado, comparado com os alunos que não tinham frequentado o CET, foram três anos inesquecíveis, onde senti que estava no caminho certo, que desenvolvi capacidades e adquiri conhecimento que não imagina, e que me ajudou, muito, em continuar com a minha formação na vertente educacional.

Sem pensar duas vezes, no ano letivo seguinte frequentei o Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, onde, reconheço, tive o meu maior desenvolvimento pessoal e profissional, onde todas as peças se encaixavam, foram dois anos onde me encontrei como profissional, no ambiente onde procurei trabalhar e desenvolver as minhas capacidades como profissional de ensino e como pessoa.

O privilégio que temos como professores de oferecer uma oportunidade a um aluno de aprender, combater lacunas, desenvolver capacidades e criar hábitos saudáveis, é algo único e que hoje dou graças por ter esta oportunidade na vida.

2. Expectativas iniciais

Após terminado o primeiro ano, do Mestrado Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário (2.º Ciclo) e respetivo período de férias, teve início o segundo ano.

Como esperado, ao longo deste período não letivo tive oportunidade para pensar em possíveis cenários de como seria o ambiente escolar, toda a organização, legislação e estrutura

escolar. A forma como seria recebido e a forma como deveria proceder, desde a minha apresentação, postura, forma de estar e atitude ao longo deste período.

Para além das expetativas que criava sobre a escola, tive a necessidade de idealizar uma postura/atitude “correta” para conseguir ir de encontro às minhas expetativas, neste sentido, o momento de mudança leva o estudante estagiário a viver contradições e sentimentos de ambivalência que advêm da duplicidade de papéis de ser professor e, simultaneamente, estudante (Albuquerque, Graça, & Januário, 2005).

Neste momento de reflexão e mudança, senti a necessidade de fazer uma introspeção de todas as minhas qualidades e lacunas ao longo do primeiro ano do Mestrado de modo a ter uma boa preparação para o novo desafio que se avizinha. Todas as minhas experiências em situações de ensino e aprendizagem, em contextos escolar, todas as situações de aprendizagem e correção ao longo do primeiro ano, juntamente com o conhecimento que tinha sobre a entidade que me iria receber, o Externado Ribadouro (ER), procurei delinear uma postura e forma de estar, invariavelmente das condições ou situações, conseguia ser suficientemente flexível e autocrítico de modo a melhorar e corresponder às exigências do contexto real de trabalho.

Estamos a falar de uma escola conceituada, com princípios e valores no ensino, juntamente ao meu desejo em começar este novo desafio com perspetivas promissoras.

Não imagino possíveis barreiras relacionais com alunos, funcionários, professores ou direção, de acordo com a minha personalidade e forma de estar. Para além das minhas características pessoais, tenho conseguido assimilar várias ferramentas e metodologias de ensino essenciais para o sucesso da aprendizagem dos alunos e da contínua progressão do ensino da Educação Física na nossa sociedade. Como tal, as minhas expetativas iniciais encontram-se muito elevadas, sinto alguma ansiedade em estar no contexto real de trabalho, sentir a responsabilidade de gerir uma turma, irei procurar ter a melhor atitude/postura em determinado momento decisivo, cooperar, estar presente em todos os momentos, aproveitar para assimilar todas as pequenas/grandes situações de sucesso/insucesso, sentir e enriquecer a minha bagagem profissional.

Assim, espero conseguir ir de encontro a todas as componentes essenciais que caracterizam um bom professor, mas acima de tudo, sentir que esta experiência foi bem aproveitada e que consegui mostrar o meu valor como Professor de Educação Física.

II. Prática em contexto

1. A importância da PES

A PES pode ser considerada a última etapa da conclusão de um ciclo de aprendizagem, onde tivemos a possibilidade de aplicar o nosso conhecimento teórico-prático e competências que foram desenvolvidas ao longo do nosso percurso acadêmico e aplicadas no contexto real de trabalho, de acordo com Caldas (2017) a supervisão pedagógica, por último, terá como objetivo o desenvolvimento profissional e institucional que se espera com influência direta na aprendizagem dos alunos e na qualidade da educação.

A PES compreende um processo de formação, estruturado, que possibilita ao EE se qualificar-se para a prática da docência, apesar de, inicialmente, ainda existir comportamentos que devem dissuadir o aluno para professor e adotar comportamentos de professor para a prática.

Na visão de Caires (2001, p. 118), o período de estágio é interpretado, muitas vezes, como “a primeira abordagem do mundo profissional, [...] uma etapa de transição na qual o iniciante tem a oportunidade de aplicar o conhecimento e experiência adquiridos nos bancos da Universidade a um contexto da vida real”.

No sentido de definir um bom professor, Nóvoa (2009) indica cinco fatores essenciais: o conhecimento, a cultura profissional, o tato pedagógico, o trabalho em equipa e o compromisso social, sendo que estes fatores de formação devem ser trabalhados dentro da profissão, baseados numa combinação de contributos científicos, pedagógicos e técnicos, sem nunca esquecer que a maior relíquia de uma boa formação é a partilha que advém de professores mais experientes e reconhecidos.

De acordo com Seabra, Silva, & Resende, (2016) a ação de ensinar exige uma transformação dos saberes para o campo da prática, da interação complexa do conhecimento situado dos alunos, das estratégias e dos procedimentos de ensino.

Neste sentido e parafraseando Caldas, (2017, p.23)

Considerando que os processos de aprendizagem ocorrem pela interação com a tarefa, com os outros e consigo próprio, as práticas colaborativas, que se desenvolvem por mecanismos de interação entre as pessoas, pela partilha e pela colaboração para a concretização de um objetivo, constituem-se como estratégias potenciadoras de aprendizagem, levando à mudança de práticas e ao desenvolvimento.

2. A escola cooperante: lugar de prática

O Grupo de Escolas Ribadouro é constituído por um Grupo de Instituições de Ensino Privado (Ensino Particular e Cooperativo) que apresentam um Projeto Educativo Global, mas diferenciado em três contextos de inserção. É constituído por 3 escolas: Externato Ribadouro, situado no Porto, Colégio da Trofa e Externato Camões, situado em Rio Tinto. A nossa prática de ensino decorreu no Externato Ribadouro. Este encontra-se situado no coração da cidade do Porto, no seu centro histórico, possui dois pólos de ensino, o de Santa Catarina e o do Bonjardim, que se estende ao Colégio Camões e o Colégio da Trofa.

Este estabelecimento de ensino engloba o Pré-Escolar até ao Ensino Secundário, sendo o ensino secundário o mais procurado, pela boa preparação que este lhes confere, tendo em vista o ingresso ao ensino superior. Havendo assim uma necessidade maior de tempo de formação e investimento dos alunos no tempo que dedicam à sua formação, foi possível verificar que estes não abdicavam do seu tempo de lazer e de prática de atividade física fora do contexto escolar. Em vários momentos de partilha com os alunos, foi referenciado que facilmente se deslocavam da escola para ir ao ginásio, a zonas verdes, zonas agradáveis onde podiam estudar e até conhecer mais sobre a cidade do Porto,

Estes fatores que envolvem o ER foram decisivos na escolha da escola cooperante. Segundo Albuquerque, Resende e Costa (2013, p. 124) “para que a intervenção na comunidade escolar tenha realmente significado educativo, é necessário ter, antes de mais, um conhecimento aprofundado das escolas e das suas características, potencialidades e necessidades”.

O ER apresenta um Projeto Educativo Global que se centra em critérios de eficácia, rigor e exigência, contando com uma articulação constante entre a escola e a família dos seus alunos, e respeitando as metas de aprendizagem definidas pelo ministério da educação e, em todos os momentos, a individualidade de cada aluno bem como a sua heterogeneidade.

No que diz respeito aos espaços destinados à prática de educação física, a escola encontra-se bem equipada, possui um pavilhão coberto com capacidade para uma turma, dois campos exteriores, uma pista de 25 metros para atletismo e uma zona com duas mesas de ténis de mesa. Na continuidade da caracterização do espaço exterior, existe ainda um espaço de divertimento destinado ao 1º ciclo, zonas de lazer onde os alunos podem estar nos intervalos, uma zona com duas mesas de matraquilhos e mais uma zona para os alunos da pré-primária brincarem. Todos estes espaços respeitam as devidas medidas de segurança adequadas.

Quanto ao material desportivo destinado às aulas, a escola está capacitada para a lecionação de qualquer modalidade e flexibilidade de utilizar outros espaços comuns para a prática de educação física.

O desporto escolar não faz parte do projeto curricular do ER, uma vez que de forma independente, criaram pequenos clubes desportivos, como escolinha de futebol, multiactividades de ar livre, desporto júnior e escola de patinagem.

Relativamente à oferta desportiva nas proximidades, podemos encontrar alguns ginásios, como o Holmes Place da Constituição, o Fitness Hut, o Antas Prime Fitness e o Solinca do Estádio do Dragão. Grupos desportivos como o Académico, o CDUP, o Futebol Clube do Porto (campo da Constituição) com ofertas em diferentes vertentes desportivas como o futebol, voleibol, basquetebol e andebol, sendo estas as modalidades que a maioria dos alunos do ER pratica, no que diz respeito ao desporto de competição e federado.

3. Turmas

No início do ano letivo, tivemos uma reunião com o OC e em conjunto realizamos a partilha das turmas e dos projetos em que iríamos estar envolvidos ao longo da PES.

Neste sentido, fiquei responsável por lecionar e participar ativamente nas atividades que diziam respeito ao 5º, 7º, 10º anos e colaborar com o grupo de patinagem. Ficou decidido com o OC, que a meio do segundo período o 5º ano e o grupo de patinagem passariam para a responsabilidade do meu colega de estágio, continuando apenas com a responsabilidade do 7º B e do 10º A5.

Pessoalmente, foram estas duas turmas que mais me marcaram, não só pela sua diferença de idades, que por muito pequena que fosse, era notória a atitude e a responsabilidade

que demonstravam na aula, o que se tornou um desafio bastante positivo e construtivo na minha identidade como professor, mas também porque desenvolvi uma forte ligação com estes alunos ao longo do meu estágio.

Segundo Bento (2003) é importante que o professor conheça muito bem os seus alunos de modo a desenvolver todo o processo de ensino e aprendizagem de forma positiva. Perante isto, desde o primeiro contacto com as turmas e restantes alunos que fazem parte da comunidade escolar, tentei manter uma janela aberta para uma possível conversa ou ponto de vista, para que os alunos se sentissem sempre à vontade ao meu lado, sem ultrapassar os limites do respeito e de saber estar em sala de aula.

Esta forma de estar, favoreceu bastante a nível de envolvimento e atitude nas aulas, mesmo nas aulas que era necessário substituir um colega, os alunos mostravam sempre uma atitude positiva.

III. Prática profissional: do plano da análise ao da intervenção

1. Organização e gestão do ensino e da aprendizagem

1.1. Planeamento

O planeamento desempenha um papel importante no processo de ensino e de aprendizagem, pois permite orientar e consciencializar o professor, e contribui para o rendimento dos alunos.

Bento (2016), destaca-o como condição básica da direção pedagógica do ensino pelo professor, com base numa abordagem pormenorizada e criativa do programa, o planeamento implica que o ato de ensinar resulta de um processo de decisões intencionais que devem ser tomadas em função da análise da situação concreta.

Segundo Bento (2003) e Januário (1996) o processo de planeamento deve encontrar o seu ponto de partida na conceção e conteúdos dos programas, nomeadamente no desenvolvimento multilateral de personalidade e no grau de cientificidade e relevância pratico-social do ensino.

Planeamento Anual

No início do ano letivo, o ER realiza uma planificação trimestral relativamente à gestão/rotação dos espaços. Em reunião, os professores de Educação Física elaboram um documento, que nos foi disponibilizado, com as modalidades a serem lecionadas em cada período e quais os objetivos pretendidos para cada modalidade, pelo que a planificação anual foi estruturada corretamente.

No entanto, não nos foi possível estar presentes na elaboração do planeamento, uma vez que por motivos burocráticos e para uma adequada estabilização, tivemos que entrar mais tarde no estabelecimento de ensino.

Uma vez que nos integramos no ER, tivemos logo o acompanhamento do OC, onde nos facultou todas as informações e contextualizou-nos de imediato com a realidade que iríamos encontrar, bem como as possíveis dificuldades. Contribuiu este, que facilitou a planificação das aulas e os conteúdos programáticos de acordo com o contexto escolar, de forma consciente, devidamente estruturada, dado que, para lá dos seus conhecimentos, o docente de EF deve planear, de forma adequada e contextualizada, para que possa atingir os seus objetivos (Moura *et al.*, 2016). Uma das condicionantes logo verificadas, prende-se com a rotação de espaços, que foi feita em função de *roulement*, que era semanalmente alterado, o que exigiu adaptações e ajustes na abordagem das diferentes UD.

Planeamento por período

No início de cada período juntamente com o OC, delineamos os objetivos e conteúdos a serem abordados de cada modalidade, tendo em conta o planeamento anual, e atendendo aos espaços que estavam já delineados. Ou seja, através desta estrutura podíamos identificar quais os espaços disponíveis, de forma a ter uma maior rentabilização da aprendizagem por parte dos alunos, quantas vezes ao longo do período iríamos estar naquele espaço o que nos permitiu realizar um planeamento adequado e preparar e cativar os alunos a participar nas atividades que diziam respeito a cada período escolar. Neste seguimento, decidimos abordar no primeiro período o basquetebol e badminton, segundo período voleibol e andebol e no terceiro período

o futebol a atletismo, sempre com a possibilidade e flexibilidade de alterarmos o que estava já planeado, justificando sempre o porque de propormos esta alteração. De modo a haver uma adequada progressão pedagógica e versatilidade a nível das modalidades, e em concordância com o OC, foi possível intervalar o ensino destas com aulas de desenvolvimento da melhoria da aptidão física, através de treinos funcionais, algumas aulas de ginástica acrobática, e jogos de Aprendizagem Cooperativa, jogos que são centrados na união e não no uns contra outros, (Brown, 1994).

Uma vez que, nos era possível propor outros métodos e formas de ensino, decidi recorrer ao jogo “hula hut”, jogo de AC que facilmente foi assimilado pela turma e rapidamente se tornou “famoso” pela sua dinâmica e trabalho de equipa, que foi abordado por outros professores e realizado por outras turmas do ER, chegando mesmo a haver jogos entre turmas que coincidiam com o mesmo horário de aula.

Planeamento de Unidade Didáticas

De acordo com Bento (2003), as unidades didáticas são partes essenciais no programa de uma disciplina, pois estas constituem unidades fundamentais e absolutas do processo pedagógico.

No desenvolvimento de cada UD, foi considerado cada duração da UD, o volume e dificuldade das tarefas na sua assimilação e correta aprendizagem. Foi necessário realizar uma análise do *roulement*, de modo a determinar uma lógica de acordo com os tempos letivos e os conteúdos a serem abordados, reforçando sempre a adequabilidade do plano ao nível da turma. O registo da planificação das UD foi feito através do uso da grelha de Vickers (1990) onde, de forma organizada e estruturada, é categorizado todos as etapas de introdução, exercitação e consolidação das variadas modalidades de ensino.

Partindo da grelha de Vickers, podemos elaborar o plano de aula, tendo em conta a parte inicial, fundamental e final da aula. Quase todos os professores apresentam uma estrutura do plano de aula com três partes, a inicial, a fundamental e a final (Resende, Albuquerque, & Gomes, 2015). Os planos de aula eram elaborados de modo a serem entregues ao OC, antecipadamente até quinta-feira de cada semana, de modo a recebermos o seu feedback e a realizarmos eventuais alterações ou correções.

Plano de Aula/Reflexões

Para Bento (2003), antes de se lecionar uma aula, esta já deve estar totalmente planejada e estruturada. Como já era conhecido o plano de aula quando bem estruturado, pensado e realizado pode facilitar muito a tarefa do professor.

O plano de aula está estruturado de modo a facilitar a compreensão de quem o lê para transpor os objetivos do mesmo para o contexto real de prática. O plano de aula tem informações fundamentais sobre os objetivos específicos de determinado exercício, a descrição de forma sintetizada, com o respetivo esquema, a distribuição dos alunos e as suas movimentações, critérios de êxito e palavras-chave que são fundamentais para uma correta execução do exercício, aumentando assim a taxa de sucesso do aluno.

No seguimento do autor o plano está dividido em três fases da aula: a fase inicial, fundamental e final. A fase inicial onde existe a saudação, o ponto de situação e exercício de ativação geral, de forma a predispor os alunos para o seguimento da aula, a fundamental que diz respeito ao objetivo específico a ser trabalhado na aula e a fase final, pode ser constituído por exercícios de retorno à calma ou novamente ponto de situação sobre o estado da turma ou o que será trabalho na próxima aula.

No primeiro período, começaram a surgir as primeiras dúvidas sobre a elaboração correta ou mais indicada do plano de aula, de acordo com a adequação dos exercícios, ao espaço e ao tempo de aula. Não bastaria apenas realizar um esquema metodológico, deveria estar bem explícito a disposição dos alunos e as movimentações corretas, a utilização das palavras-chave de acordo com o exercício em questão e a importância da sua utilização, bem como a descrição do que era o objetivo do exercício.

O nosso OC teve um papel fundamental, no sentido de nos obrigar a procurar lacunas e formas de melhorar a nossa estrutura de plano de aula através da flexibilidade, onde sempre procurou respeitar o dever da elaboração do plano de aula mas nunca esquecendo que este deve ser um documento orientador e de suporte à aula. Como por exemplo, se o exercício que tínhamos proposto não se adequava às necessidades reais da aula, tínhamos de procurar adaptá-los ou alterá-los se necessário o que já estava planejado, bem como demonstrar a capacidade de gerir as situações propostas, como por exemplo se deveríamos manter determinado exercício devido à boa dinâmica ou se por vezes era importante criar-lhe alguma complexidade.

Exercício de ativação geral proposto, não era do conhecimento dos alunos. Após explicação do objetivo do jogo, alguns alunos ainda não tinham percebido na sua totalidade, tive a necessidade de voltar a explicar e corrigir pontualmente algumas situações. No entanto, é um exercício que precisa de ser alterado ou adaptado às características da turma, uma vez que não teve a dinâmica que eu pretendia, apesar de ter toda a turma envolvida, não senti que o exercício proposto fosse capaz levar os alunos a atingir uma boa predisposição para o decorrer da aula.

(Reflexão de Aula 5º ano 13 de novembro de 2017)

Considerando que a reflexão é um ato de análise crítica, uma reconstrução da ação, é necessário que esta seja realizada, diariamente, por escrito e entregue semanalmente por via email ao OC, muitas vezes também através de pequenas reuniões ou pontos de situação.

Recorriamos algumas vezes ao contacto reflexivo com os restantes professores de educação física que nos acompanhavam, que partilhavam os espaços que nos eram comuns e ajudavam nomeadamente no debate do sucesso ou insucesso de determinados exercícios através da partilha de conhecimento e que nos faziam sentir como iguais, havendo sempre espaço para melhorar.

Seguramente o ato reflexivo acarreta bastantes benefícios, Larrivee (2008) afirma que a prática reflexiva atesta a capacidade de o professor enfrentar abertamente os próprios erros e dificuldades, fazendo com que apresente um papel ativo no seu processo de formação contínua e constante.

1.2. Realização

Depois de delinear e estruturar o planeamento é necessário que haja a passagem para o contexto da prática, o contacto direto com a turma e enfrentar diretamente todos os possíveis cenários nesta fase da gestão e organização da aula. Seabra, Silva e Resende, (2016) referem que a ação de ensinar exige transformação dos saberes para o corpo da prática. Neste sentido, na opinião de Siedentop (1983), a realização deve contemplar quatro dimensões fulcrais: a instrução, a gestão, o clima e a disciplina.

Quanto à realização, no processo de ensino e aprendizagem, não se evidenciaram dificuldades no que respeita ao controlo das turmas, proporcionou-se sempre um ambiente

favorável para a aprendizagem, como resultado da transmissão de regras e de medidas de segurança adequadas.

Relativamente às controvérsias da aula foram sempre geridas de forma tranquila ao longo das aulas, tendo melhorado a capacidade de intervenção e de comunicação, tornando-me mais sucinto e concentrado no essencial. Senti alguma dificuldade em gerir as diferenças apresentadas pelos alunos quando os níveis de desempenho eram muito evidentes, sentia por vezes também, algumas dúvidas relativamente ao comportamento mais correto e eficaz a ter perante essas situações.

De modo a colmatar esta lacuna, procurei adaptar o ritmo das aulas às características da turma. Mesquita e Rosado (2011) salientam que não é possível aprender tudo de uma só vez, sob pena de cair no risco de nada aprender. Para isso, esta área tem o propósito de criar estratégias capazes de promover uma aprendizagem eficaz sustentada em três pontos essenciais: o planeamento, a realização e a avaliação do ensino.

Procurei mostrar aos alunos, que apesar de se sentirem pouco à vontade ou terem medo de errar em alguma modalidade, que isso não os ajudaria a desenvolver as suas capacidades, bem pelo contrário. E que apesar de alguns alunos se mostrarem mais capazes ou mais eficazes na realização de algum exercício, que não era apenas isso que contava para uma nota de excelência mas sim a atitude e entrega que cada um deles tinham. Acima de tudo, procurei envolver a turma sempre num ambiente de trabalho cooperativo e de entreajuda, onde deviam procurar consolidar as coisas boas que tinham aprendido e trabalhar ainda mais nos aspetos menos bons que, apesar das adversidades que poderiam sentir, deveriam sentir-se à vontade para expô-las com a turma para que juntos pudessemos trabalhar em prol de um ambiente cada vez mais favorável ao nível da aprendizagem e do reconhecimento da necessidade de criação de hábitos saudáveis.

Instrução

A instrução, a informação que chega aos alunos, deve ser coerente e pertinente de modo a diminuir o tempo de explicação. No contacto inicial com as turmas que lecionei existiu principalmente um primeiro contacto visual, de curiosidade de ambas as partes e que após uma pequena apresentação, iniciou-se o processo de instrução.

A informação que estava a ser transmitida tinha de ser assimilada e cabia aos EE serem os responsáveis por este processo, de forma gradual e sem manter qualquer tipo de pressão. Fazer sentir os alunos das suas responsabilidades e compromisso com a disciplina, que apesar de ser algo novo, terem um professor estagiário, não era sinónimo de facilitador e que apesar das dificuldades sentidas, a adaptação teria de ser progressiva. Neste sentido, tentamos sempre demonstrar a importância que a EF possui enquanto disciplina fundamental para o desenvolvimento dos alunos, não apenas ao longo do seu percurso académico mas sobretudo ao longo de toda a sua vida (Meireles, Moreira e Santos, 2013).

Para além da sensibilização que pretendíamos, procuramos direccionar o interesse dos alunos pelas tarefas fossem elas de índole competitivo ou cooperativo, que seriam sem dúvida determinantes para o seu empenho. Recorremos também a ajustes no uso das palavras-chave a serem utilizadas e ao feedback mais apropriado, de acordo com os vários momentos da aula. Com frequência recorriamos ao uso do feedback extrínseco, de conhecimento de resultado e de conhecimento de performance, de forma verbal, ao longo da execução dos exercícios sejam eles de forma individual ou de carácter geral. No entanto procuramos, sempre que possível, utilizar os feedbacks dirigidos a cada aluno, individualmente, de modo a fazer face às suas necessidades específicas (Rink, 2014).

Gestão

Embora no início do ano a nossa experiência seja reduzida, foi-nos colocada a questão pelo OC, de qual seria a primeira abordagem a ter com os alunos para que haja uma boa gestão da aula. Neste sentido e de acordo com Resende, Albuquerque e Gomes (2015) a gestão das regras é dos focos primordiais para que a participação, motivação e o controlo dos alunos na atividade, seja feita de forma correta e organizada. Por conseguinte, a gestão de materiais, dos alunos e do tempo foi gradualmente melhorando.

Sentimos, principalmente no 5º ano, não só por serem crianças que estão no início do seu desenvolvimento mas também por se destacarem alguns alunos que mantinham alguns hábitos que prejudicavam o funcionamento normal da aula, o que refletia por vezes na dificuldade em gerir a aula. Frequentemente através de reuniões, debate de ideias e de soluções entre nós e o nosso OC, procuramos sempre alcançar os objetivos que estavam propostos pelo colégio, implementando um ambiente de aprendizagens favorável. No que respeita às outras duas turmas, 7º e 10º ano, as rotinas de gestão de aula foram gradualmente melhorando,

havendo mais flexibilidade na negociação de novas regras e valorização da autonomia e liberdade dos alunos para discutir possíveis exercícios ou adaptações às necessidades e características dos alunos.

Disciplina

É nosso dever salientar, o bom e agradável ambiente que o colégio consegue proporcionar aos seus alunos. Nunca foi registado da nossa parte, nenhuma situação de indisciplina na escola, muito menos nas nossas aulas, os alunos sempre mantiverem o respeito por todos os professores, funcionários e representantes da direção e só podemos chegar à conclusão que se deve muito à boa formação que o colégio consegue oferecer aos seus alunos.

Clima

O clima da aula, fundamentalmente, contribui para o ambiente psicossocial favorável em que ocorre a aula e na transmissão de valores a nível da cidadania, como professores de EF (Albuquerque, et al, 2014).

Ao longo do ano, sentimos um crescente apego dos alunos, fossem das turmas da nossa responsabilidade como EE, ou não. A nossa forma de relacionamento, com a comunidade escolar, a nossa postura descontraída e de carácter forte, contribuiu de forma significativa para uma relação favorável e crescente com a comunidade escolar.

Ajustamentos

Ao longo da prática pedagógica realizamos ativamente ajustamentos ou adaptações, às necessidades inerentes a este desafio em que estávamos envolvidos.

A turma do 7ºano necessitou de mais chamadas de atenção a nível do comportamento e de foco de atenção, tiveram uma progressão mais demorada na assimilação dos métodos de trabalho e conteúdos a serem assimilados, bem como a responsabilidade e consciencialização da importância da prática de atividade física, o que não permitiu em todas as aulas atingirmos os objetivos pretendidos para aquela UD. Num sentido diferente, os alunos do 10ºano tiveram um registo de maior responsabilidade e de maturidade, mais fácil de sensibilizar para a prática

de atividade física e mais envolvidos nas aulas, o que acabou por se verificar uma maior autonomia nas aulas ao ponto de discutirmos adaptações de exercícios ou novos possíveis exercícios e assim construímos uma base saudável de trabalho.

Neste sentido as aulas nem sempre foram de encontro ao planeado, obrigando-nos a desenvolver capacidades de reflexão, autonomia e comportamentos de ação, que contribuíram, significativamente, para o nosso desenvolvimento como profissionais de ensino.

De acordo com vários autores (Aranha, 2004; Rosado & Ferreira, 2009; Rosado & Mesquita, 2009; Rink, 2001; Sarmiento, 2004) um clima relacional positivo entre professor e aluno, pode aumentar o grau de envolvimento dos alunos nas tarefas que, conseqüentemente, conduz à melhoria das aprendizagens.

Esta realidade onde as turmas, apesar das faixas etárias não serem muito diferentes, apresentavam uma disponibilidade motora distinta, permitindo esta heterogeneidade uma maior contribuição para o meu desenvolvimento como EE.

1.3. Avaliação

Para Roldão (2008) a avaliação é o conjunto organizado de processos que visa o acompanhamento regulador das aprendizagens desejadas, integrando a verificação da sua consecução.

Gonçalves et al. (2010), afirma que a avaliação deve ter por objetivo o aperfeiçoamento do ensino. O processo de avaliação é a fase mais complicada e complexa no processo de ensino e aprendizagem, é um processo contínuo e integrado, que regula e orienta a prática pedagógica, apoiado num registo diário da evolução dos alunos, este processo de avaliação é novo para nós, que conseqüentemente tornou a novidade num dos desafios mais difíceis ao longo desta nossa jornada no ER.

Segundo Silva, Zamai e Silva (2012), a avaliação em EF deve aportar um caráter participativo com ênfase nos aspetos qualitativos e quantitativos abordados no processo de aquisição de conhecimentos e competências. Neste sentido, o processo de avaliação inicia-se pela avaliação diagnóstica, que é fundamental para a construção da UD e para situar a turma no seu ponto de partida, bem como os objetivos a traçar.

O recurso à avaliação diagnóstica foi feito sempre no início da introdução de cada modalidade, exceto no primeiro período devido ao facto de termos entrado no ER, já com um mês de aulas decorrido. Para a realização da avaliação diagnóstica, foi utilizada uma escala, com quatro níveis, com a seguinte sequência (não realiza – realiza com dificuldade – realiza – realiza bem), de acordo com os gestos técnicos e táticos de cada modalidade.

O método de avaliação formativa, para Karpicke et al. (2012), é considerado como um processo contínuo, menos formal e adequado à turma.

No ER, a avaliação é realizada de forma contínua, ou seja, não existe uma aula específica para a realização da avaliação sumativa, os alunos encontram-se em avaliação em todas as aulas, através de uma observação contínua e direta do seu desempenho, o que torna a avaliação formativa a mais preponderante neste estabelecimento de ensino. Como por exemplo, havendo um registo e uma observação contínua, foi possível identificar na turma do 7ºano, na modalidade de basquetebol, algumas dificuldades na execução dos gestos técnicos, como o drible e o lançamento na passada.

Os parâmetros de avaliação no ER estão compreendidos em 50% para a presença, participação ativa na aula, autonomia, interesse, solidariedade, responsabilidade e trabalho de equipa (domínio cognitivo e sócio afetivo), e os restantes 50% para o desenvolvimento das suas capacidades, conhecimento do regulamento das modalidades, conhecimento e identificação dos elementos técnicos e táticos das modalidades abordadas e a aplicação destes mesmos conhecimentos.

1.4. Construir e (re)construir o conhecimento: impactos da minha experiência e atuação

O presente enquadramento do docente é de compromisso com o processo de ensino e aprendizagem, tal a necessidade de realizar um planeamento anual, que se vai tornando cada vez mais específico, desde da caracterização da turma e planeamento das unidades didáticas de aula até à planificação da aula. Existe, no entanto, uma contrapartida, relativamente a esta organização diária, dando como exemplo, a elaboração do plano de aula onde existem alunos com diferentes níveis de aprendizagem.

Com uma gestão de espaços já definida no início de cada período, existe uma maior flexibilidade dos professores da escola em relação à gestão do espaço que leva a uma organização da planificação mais adaptativa.

Assim sendo, os aspetos positivos desta fase foram o controlo da turma e o aumento da complexidade dos exercícios no decorrer na unidade didática, contudo, os diferentes níveis de aprendizagem já referidos anteriormente, foram aspetos que tivemos em consideração, muitas vezes dificultando a gestão da própria aula pela exigência de se conseguir apresentar tarefas mais simplificadas para os alunos que demonstravam mais dificuldades e, em simultâneo, apresentar uma maior complexidade para os restantes. Por vezes, o pouco domínio e o desconhecimento da progressão das modalidades constituiu um obstáculo, ou uma lacuna, quando os alunos progrediam rapidamente e não sabia como criar mais exigência.

O processo de avaliação foi a fase mais complicada e complexa do processo de ensino e aprendizagem. O processo de avaliação iniciou-se mediante uma avaliação diagnóstica importante para a construção da UD. Os alunos foram avaliados através de uma avaliação sumativa, em que se teve em conta a aplicação rigorosa dos critérios de avaliação definidos. No entanto, as modalidades coletivas em comparação com as individuais, são mais difíceis de avaliar pelo simples facto de estarem vários alunos a realizar a atividade ao mesmo tempo, contudo a estratégia de avaliação por níveis facilita neste processo.

Em relação à avaliação existiu uma flexibilidade na construção das grelhas a serem utilizadas, onde juntamente com o colega de estágio, facilmente adaptamos estas grelhas às nossas turmas.

A UD onde senti maior dificuldade, foi a de atletismo, uma vez que era necessário cronometrar e registar o tempo gasto pelos alunos na corrida, existindo a necessidade de delegar tarefas para assegurar o controlo correto da saída e chegada dos alunos na pista, uma vez que o tempo de aula disponibilizado para o efeito era muito reduzido. Todavia, tive a necessidade de refletir e adaptar as características da aula às minhas necessidades para conseguir avaliar corretamente e coerentemente de forma igual todos os alunos. Decidi avançar com uma estratégia de juntar os alunos, proceder a uma explicação de como se iria proceder a avaliação, através de uma ficha de registo para cada grupo de dois alunos, transmitir pormenorizadamente os procedimentos a serem adotados antes e durante a corrida e que todos deveriam cumprir escrupulosamente com que tinha sido definido. Neste sentido, procurei colocar um aluno ao

lado bloco de partida de forma a verificar se o colega não cometia nenhum erro enquanto eu fazia o registo no final da pista.

Durante todo o ano houve sempre a preocupação de diminuir o tempo de instrução e de adaptar cada modalidade ao trabalho que era produzido pela turma, de modo a tornar as aulas mais eficazes no seu impacto. Houve então, uma construção e reconstrução de conhecimento, paralelamente com processos reflexivos, que levaram a um melhor entendimento e evolução de ambas as partes. Tal como refere Albuquerque et al (2013) o professor deve dissolver os seus problemas reconhecendo-os, alterando-os e melhorando-os.

2. Participação na escola e Relação com a comunidade

Ao longo do estágio colaborei e participei na organização de várias atividades, desde as atividades desenvolvidas pelo grupo de Educação Física, a atividades interdisciplinares com o objetivo de proporcionar uma experiência multidisciplinar e enriquecedora aos alunos. Procuramos sempre ter uma participação ativa na comunidade escolar em todas as atividades extracurriculares e gradualmente a nossa integração e facilidade de relacionamento com a comunidade escolar foi melhorando de forma muito positiva.

Com base no Decreto-Lei nº 240/2001 de 30 de agosto, o professor deve encarar a escola e também a comunidade, como espaços de inclusão e intervenção social em torno de uma formação integral dos alunos para a cidadania democrática.

Tive oportunidade de estar envolvido diretamente com o grupo de patinagem, que faz parte do projeto curricular do ER, que decorria às segundas e sextas-feiras, das 17:30h até às 19:00h.

Tinha como objetivo a iniciação ao hóquei em patins e era direcionado aos alunos do pré-escolar e segundo ciclo do ER. Este clube desportivo tornou-se um grande desafio, uma vez que tinha muito pouco conhecimento da modalidade, o que me obrigou a realizar uma pesquisa e estudo sobre a modalidade, progressões pedagógicas e “aprender” a andar de patins, de forma a colmatar algumas necessidades do conhecimento que o professor de EF tem de ir construindo ao longo da sua vida profissional (Resende & Lima, 2016)

2.1 Atividades realizadas

As atividades em que colaborei ao longo do estágio vão ser apresentadas de forma cronológica e de acordo com o PAA já estabelecido no início do ano letivo. No primeiro período, estivemos envolvidos no Dia Mundial da Alimentação, organizamos e dinamizamos uma aula de zumba com o objetivo de promover a atividade física, hábitos saudáveis e corresponder com a relação entre a Educação para a Saúde, como refere Resende e Lima (2016), deve ser integrada nas atividades escolares.

Neste seguimento, participamos na organização da “Festa do Outono” juntamente com o grupo de EF na dinamização de jogos tradicionais, que tinha como público-alvo o primeiro, segundo e terceiro ciclo. No último dia de aulas do primeiro período, pela parte da manhã, estivemos envolvidos no *Pedypaper*, atividade multidisciplinar, destinado ao segundo ciclo do ER, que decorreu na Quinta do Covelo, local este descontraído e ao qual os alunos já se encontravam familiarizados com o espaço e com trajeto delineado da escola ao local da prova, sempre com a supervisão de vários professores desde a saída do colégio, ao longo da prova e até ao regresso à escola. De relembrar que no final da atividade foi distribuído pelos participantes um pequeno lanche de forma a restabelecer os níveis de energia gastos na prova.

Na parte da tarde, o núcleo de estágio ficou com a responsabilidade de organizar o torneio de basquetebol, para o ensino secundário, onde os três colégios estiveram envolvidos na sua participação. Esta organização necessitou da criação de um poster alusivo ao torneio bem como as informações necessárias para a inscrição, normas, local de inscrição e quem estava habilitado a participar. Após a recolha das equipas inscritas, demos início ao processo de calendarização dos jogos, atribuição de arbitragem para os jogos e toda a logística que é necessária para o bom funcionamento do torneio.

No segundo período, participamos na organização e logística do desfile e concurso de Carnaval, que tinha como público-alvo o primeiro e segundo ciclo. Juntamente com o grupo de EF, realizamos a decoração e montagem do palco para que tudo estivesse de acordo com o espírito carnavalesco. No decorrer do segundo período, estivemos envolvidos no apoio a deslocações de algumas visitas de estudo, onde em algumas destas deslocações as turmas envolvidas não eram as nossas mas independentemente desse fator, sentimos sempre uma boa empatia e atitude por parte dos alunos, o que favoreceu o nosso contínuo apoio nestas atividades. Estas atividades abrangeram deslocações a Espinho, para assistir à peça “Os Maias” com os 11ºs anos, à encenação do “Auto da Barca do Inferno” com os alunos do 10ºs anos, a

deslocação à Serra da Freita, em Arouca, aqui já com uma das turmas da minha responsabilidade o 7º ano e 8º ano, o que contribui de forma significativa para o nosso relacionamento entre professor e aluno(s), onde os alunos participaram de forma ativa na reflorestação da Serra de Arouca, através da plantação árvores autóctones, numa ação de sensibilização. Esta atividade intitulou-se “Por um Portugal mais Verde”.

No início do terceiro período, participamos nas Olimpíadas da Atividade Física, onde os alunos do ER se deslocaram, num sábado, até ao ISMAI e realizaram vários jogos tradicionais, algumas modalidades presentes nos Jogos Olímpicos, como o salto em comprimento, provas de velocidade (100m e 200m), entre outros. A grande particularidade deste evento foi a colaboração ativa dos encarregados de educação e familiares, que puderam participar juntamente com os alunos na prática das atividades.

No final do terceiro período, o núcleo de estágio foi novamente responsável pela dinamização do torneio de futebol, tal como tinha sido no anterior torneio de basquetebol. O corta-mato destinado aos alunos do 5.º, 6.º e 7.º ano, decorreu no Parque da Cidade do Porto onde tivemos envolvidos no apoio logístico, intercalado com outras atividades lúdico desportivas para os alunos e onde foi fornecido, no final da atividade, um pequeno lanche.

A última, e na nossa opinião, a mais importante e enriquecedor de todos os projetos envolvidos e dinamizados, foi a organização do seminário pedagógico, “Estilo de Vida Ativo”, enquadrado no projeto “*Family in Move*”, projeto este da responsabilidade da professora doutora Maria João Lagoa, que teve como principal objetivo a promoção e aumento da atividade física e a consequente diminuição de comportamentos sedentários, onde duas turmas da nossa responsabilidade participaram, através do preenchimento de questionários e os respetivo encarregados de educação, através do cálculo IMC e a aplicação de uma bateria de testes KTK, com o objetivo de se avaliar a coordenação motora de alguns alunos do 7º ano escolaridade que participaram neste projeto.

A apresentação do seminário foi realizada de forma pormenorizada, com auxílio de um suporte físico do objetivo do nosso trabalho que contou com a presença do nosso OC, da nossa SP, da direção pedagógica do ER, da entidade tutelar do ER, da professora responsável pelo projeto, de uma nutricionista que aceitou o nosso convite, dos alunos, encarregados de educação e pais que quiseram estar presentes.

Esta apresentação foi dos momentos mais altos do estágio, significou muito para o nosso desenvolvimento enquanto profissionais, e apesar de complexo e único, este seminário mostrou

muito o nosso carácter, a nossa forma de estar e principalmente a nossa abordagem em relação à Educação e à Saúde que queríamos deixar no ER.

2.2 Socialização profissional e institucional

Desde o início sempre recebido com um sorriso, incentivado e apoiado por todos os grupos disciplinares, diretora, funcionários do colégio aos quais mantenho uma experiência positiva. Particularidade do grupo de educação física com quem partilhei grande parte da prática pedagógica, que foram sido irrepreensíveis comigo com um forte companheirismo e partilhas de experiência profissional.

Foi de registar ainda a minha participação nas reuniões no departamento de expressões, no grupo de educação física e reunião de pais. Tive também participação nas tarefas que são da responsabilidade do professor e que se situam muito para além do ato de ensinar e que constituíram, no nosso ponto de vista, uma oportunidade no que respeita à participação ativa na escola.

Para Nóvoa (2009) o exercício profissional organiza-se em torno de “comunidades de prática” no interior da escola, através da participação em reuniões gerais, de departamento, de grupo disciplinar e até de conselho de turma, ficou perceptível que a função do professor decorre de forma coletiva.

2.3 Fazer aprender para lá da sala de aula: impactos da minha experiência e atuação

Uma vez terminada esta gratificante experiência, tanto eu como o meu colega de estágio, reconhecemos que tivemos, crescentemente, envolvidos com a comunidade escolar sobretudo com os alunos que nos acompanharam. Principalmente no final do terceiro período, os alunos procuravam-nos para participarmos em atividades e para exporem dúvidas, não só relativas ao contexto de atividade física mas também dúvidas sobre algumas modalidades e até mesmo sobre ideias e situações do contexto quotidiano assim como alguns momentos de lazer, fora do contexto de aula.

Penso que fundamentalmente foi esta atitude positiva e tranquila que conseguimos transmitir a esta comunidade escolar, que enraizamos hábitos saudáveis de atividade física e soubemos valer a importância da prática e participação ativa na educação física.

Mesmo em situações em que foi necessário o recurso a aulas teóricas de educação física, devido a fatores externos, os alunos mantiveram sempre um registo positivo e participativo ao longo da aula. Este momento, foi um dos mais curiosos para mim, uma vez que nunca tinha tido nenhuma experiência na realização de uma aula teórica. Em suma, foi uma agradável surpresa, o modo como consegui criar uma dinâmica e relacioná-la com os conteúdos que constavam no programa bem como cimentar algumas normas e regras que fazem parte das modalidades que iam ser desenvolvidas ao longo do ano.

3. Desenvolvimento profissional

O interesse, a motivação e a capacidade de aprender com relatos dos outros professores, principalmente na área de educação física, são aspetos importantes para combater lacunas e assimilar novas ideias. Nesta fase inicial pretendo utilizar as experiências vividas anteriormente, enquanto aluno em contexto de aula para melhorar as minhas capacidades como professor.

Ter a oportunidade de lecionar diferentes ciclos de escolaridade, 5º ano, 7º ano e 10º ano, permite compreender como cada ciclo funciona e a necessidade de adaptação a diferentes realidades de ensino.

3.1. Dificuldades e necessidade de formação

Assumindo que nunca vou deixar de ser um aprendiz, vou sentir eternamente uma curiosidade e fascínio pelo ensino, a necessidade de saber e observar a evolução que o mundo da educação e da atividade física nos compõem.

Para Resende et al (2014) a formação deve atracar-se no contexto real onde decorre o processo de ensino e aprendizagem.

Todavia, o facto de ser estudante estagiário, ou seja, ser aluno e professor estagiário ao mesmo tempo, foi o mais difícil para mim. Não era apenas necessário haver um comportamento reflexivo ao longo do estágio, que por sua vez contribui de forma muito significativa para o meu desenvolvimento profissional, mas ter também a capacidade de compreender e melhorar as minhas capacidades como professor, através da adoção de uma postura e atitude sempre adequada ao contexto de aula, tentando ter sempre a minha permeabilidade para aprender tanto

ou mais do que os “meus” alunos. Essa foi a parte mais importante, a diferenciação de estes dois planos.

3.2. Formação contínua: um imperativo da profissão

Segundo Casanova (2016) “A formação contínua de professores constitui um fator muito importante no contexto da escola e da sociedade atual.”

Definitivamente mais que um dever, uma imposição que devemos ter para o nosso desenvolvimento profissional e pessoal. Ser professor de EF envolve um elevado esforço e investimento a nível pessoal, acompanhado de um comprometimento com a profissão (Resende et al., 2014).

Penso que todo o profissional que pretende transmitir conhecimento, valores ou ferramentas válidas, deve procurar ter um desenvolvimento coerente, de forma contínua e consolidada, responsável e flexível de acordo com os diferentes contextos sociais ou culturais da nossa sociedade.

IV. Reflexões finais

1. Experiência pessoal e profissional

Qualquer desafio ou projeto inicial transporta com ele alguns receios, dúvidas e muitas vezes põem em causa as nossas capacidades como futuros professores. Apesar de reconhecer que tudo era novo para mim, senti que aquele era o meu momento, era o momento de mostrar todo o trabalho que tenho vindo a desenvolver nestes últimos cinco anos mas principalmente desde o início do mestrado. Não podendo comparar, a lecionação de uma UD com alunos que são meus companheiros de faculdade, com alunos reais em contexto escolar, tentei desde cedo mostrar a minha vontade em contribuir de forma significativa às minhas turmas mas ao mesmo tempo, mostrar que precisava deles para desenvolver as minhas próprias capacidades como professor.

Apesar da complexidade e da diferença de idades das turmas de que fiquei responsável, todas elas contribuíram de forma diferenciada no combate a algumas lacunas que foram surgindo no início das primeiras aulas e em suma, reconheço que consegui alcançar todos os objetivos que pretendia e acima de tudo desenvolvi um trabalho sempre positivo.

Resende e Lima (2016) referem-se à dimensão profissional, como enquadrando na mesma dos domínios de conteúdos e metodologias inerentes à disciplina de EF onde estão contemplados o planeamento e a definição de objetivos, bem como as progressões pedagógicas utilizadas (e respetiva pertinência) para alcançar os mesmos.

2. A componente ético-profissional

O Externato Ribadouro é um estabelecimento de Ensino Particular e Cooperativo a funcionar em regime de autonomia pedagógica, com um projeto centrado no aluno que visa a otimização das suas competências, tendo como objetivo primordial a valorização pessoal, social e académica.

Perante estes princípios a escola sempre teve em conta a formação de bons cidadãos e inculcar-lhes todos os princípios que são fundamentais para o seu dia-a-dia, de modo a prevenir o abandono escolar, desenvolver a qualidade do serviço público, promover a equidade social e criar condições para a igualdade de oportunidade de forma segura, nas melhores condições de

estudo e trabalho, assim como o desenvolvimento pessoal e profissional dos seus alunos e fazer cumprir os direitos e deveres que constam na lei, nos regulamentos e normas que fazem parte das características do ER.

De acordo com, Resende e Lima, (2016, p.8) o docente deve manifestar uma preocupação em desenvolver nos seus alunos comportamentos que remetam para uma visão ética da vida, através das relações que com eles estabelece, uma vez que “ (...) as normas e os valores são transmitidos, implicitamente, melhor do que se fossem ensinados”.

No seguimento deste contexto, o ER constitui-se uma escola de referência e de excelência, reconhecido na sociedade educativa, não só pela qualidade das suas práticas mas pelos resultados escolares e no contributo social, motor e psicológico aos seus alunos.

No meu ponto de vista, dei sempre o máximo das minhas capacidades para ir de encontro às características da escola, sinto que nunca falhei com nenhuma turma ou aluno e que tentei sempre ser um exemplo, cumprindo com as normas da escola e de todas as tarefas que tive diretamente e indiretamente envolvido.

3. Realidade do contexto escolar: impacto da PES

Após o término deste ciclo de trabalho, desenvolvimento e aprendizagem, considero que a PES foi a experiência mais marcante até ao momento na minha vida não só profissionalmente, mas pessoalmente.

Lembro-me dos primeiros momentos de nervosismo no estômago, de me verem ainda como um aluno a entrar na escola e da primeira aula em que parece que é ali que tudo começa, onde nos sentimos imediatamente observados, à espera daquilo que vamos dizer e se aquilo que vamos dizer vai corresponder às exigências de aquilo que sabemos, ser uma atenta massa crítica. Apesar do nervosismo, foi uma sensação incrível.

Os alunos a começarem a reconhecer-me pela escola, progressivamente a dirigirem-se até nós para nos cumprimentar e posteriormente, com um tema de assunto até chegar a uma relação de maior confiança, onde pudemos brincar e partilhar experiências saudáveis.

O facto de nos sentarmos na mítica sala dos professores, onde na minha infância escolar, sempre despertou grande curiosidade, se existia uma sala para os professores comerem ou até

mesmo se eles tinham sofás onde podiam relaxar. Aquele sentimento, de acesso a salas restritas que só os professores podem ou até mesmo aquela pequena atenção no bar.

Todo o desenvolvimento e preparação de atas, reuniões com o OC, pontos de situação todas as semanas sobre o nosso desenvolvimento, reuniões com os encarregados de educação, gestão dos sumários e faltas no livro de ponto. Os momentos de avaliação, sempre aqueles momentos de maior tensão.

O grupo de educação física que de forma excepcional, contribuiu para uma progressão positiva do estágio assim como de todos os funcionários, desde o funcionário que está na entrada sempre com um alegre sorriso, até o que se encontra a fazer a gestão do pavilhão.

Tudo isto fez parte do nosso desenvolvimento, tenho plena consciência que foi um grande privilégio ter tido a oportunidade de realizar o meu estágio profissional, e que de facto, tal como Cardoso, Batista e Graça, (2016), proporcionam-se condições favoráveis para que o professor se identifique positivamente com a profissão em função da cultura e organização das escolas onde decorre o estágio.

Por fim, devo agradecer a todo os intervenientes do meu estágio, que me fizeram entender as responsabilidades inerentes à profissão em condições ideais. Todo aquele pensamento ou ideia pré-concebida de como seria um bom professor foi transformada e hoje, sinto a exigência do trabalho contínuo e árduo que deve ser realizado, muitas vezes fora do horário escolar, mas que a nível de realização profissional, é este o caminho que quero seguir. Procuro ser um bom professor de educação física e contribuir de forma significativa para a evolução desta profissão e deste grupo disciplinar.

Referências bibliográficas

- Albuquerque, A., Graça, A., & Januário, C. (2005). *A supervisão pedagógica em educação física: A perspetiva do orientador de estágio*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Albuquerque, A., Resende, R., & Costa, M. (2013). A avaliação da prática de ensino supervisionada no Instituto Superior da Maia. Nós fazemos assim. E vós? *Cadernos de Educação*, (46), 119-137.
- Albuquerque, A., Teixeira, R., Lima, R., Gonçalves, F., & Resende, R. (2014). As perceções dos futuros professores de educação física sobre a sua influência social. In P. Batista, P. Queirós, & Rolim (Eds.), *Formação inicial de professores: Reflexão e investigação da prática profissional* (pp. 109-126). Porto: Educar.
- Aranha, Á. (2004). *Organização, Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Vila Real: UTAD.
- Bento, J. O. (2003). *Planeamento e avaliação em Educação Física* (3ª ed.). Lisboa: Livros Horizonte.
- Bento, J. (2016). Da Educação Física Escolar à Didática do Desporto. *Revista Português de Ciência do Desporto, RPCD*.
- Brown, G. (1994). *Jogos Cooperativos: Teoria e prática*. São Leopoldo: Sinodal.
- Caires, S. (2001). Vivências e Perceções do Estágio no Ensino Superior. Braga: Universidade do Minho, Grupo de Missão para a Qualidade do Ensino Aprendizagem.
- Caldas, J. (ESE). (2017). *A supervisão docente e as lideranças intermédias*. ESE - Politécnico do Porto.
- Cardoso, I., Batista, P., & Graça, A. (2016). A identidade do professor de Educação Física: um processo simultaneamente biográfico e relacional. *Movimento*, 22(2), 523-538.
- Casanova, M. (2016). Formação Contínua de Professores ao Serviço do Desenvolvimento Profissional Docente. *Revista do CFAECA*, (pp. 9-18).
- Gonçalves, F., Albuquerque, A., & Aranha, A. (2010). *Avaliação Um Caminho Para o Sucesso no Processo de Ensino e Aprendizagem*. Maia: ISMAI – Centro de Publicações do Instituto Superior da Maia.
- Karpicke, J., Sousa, H. D. d., & Almeida, L. (2012). A avaliação dos alunos. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Januário, C. (1996). *Do Pensamento do Professor à Sala de Aula*. Coimbra: Livraria: Almedina.
- Larrivee, B. (2008). Meeting the Challenge of Preparing Reflective Practitioners. *The New Educator* 4 (2), 87-106.

- Lima, R., Castro, J., Cardoso, S., & Resende, R. (2014). A Prática de Ensino Supervisionada: As dificuldades dos estudantes estagiários. *Revista da Sociedade Científica de Pedagogia do Desporto*, (5), 68-74. Zabalza (Eds.), *Ensino superior: inovação e qualidade na docência* (pp. 1261-1280). Porto: CIIE – Centro de Investigação e Intervenção Educativa.
- Meireles, P., Moreira, L., & Santos, P. (2013). A perceção dos alunos sobre as qualidades do bom professor de educação física. In P. Batista, P. Queirós, & R. Rolim (Eds), *Olhares sobre o Estágio Pedagógico* (pp. 227-237). FADEUP: Educar.
- Mesquita, I. & Rosado, A. (2011). *Modelos instrucionais no ensino do Desporto*. Isabel Mesquita e Amândio Graça. Pedagogia do Desporto. FMH Edições.
- Moura, D. S. A., Alvarenga, M. A. C., Oliveira, L. T. G., Gimenes, E. F. F., & Assis, R. M. (2016). A importância do planeamento para as aulas de educação física e o pibid como
- Nóvoa, A. (2007). O regresso dos professores. *Conference on Teacher Professional Development for the Quality and Equity of Lifelong Learning"*.
- Nóvoa, A. (2009). *Professores: imagens do futuro presente*. Lisboa: Educa
- Rink, J. (2001). Investigating the assumptions of pedagogy. *Journal of Teaching in Physical Education*, Champaign, 20, 112-128.
- Rink, J. E. (2014). *Teaching physical education for learning* (7ª ed.). New York: McGraw-Hill.
- Resende, R., Carvalho, M., Silva, E., Albuquerque, A., Lima, R., & Castro, J. (2014). Identidade profissional docente: Influência do conhecimento profissional. In P. Queirós, P. Batista & R. Rolim (Eds.), *Formação inicial de professores: Reflexão e investigação da prática profissional* (pp. 145-164). Porto: Editora FADEUP.
- Resende, R., Albuquerque, A., & Gomes, R. (2015). *Formação e Saberes em Desporto, Educação Física e Lazer*.
- Resende, R., & Lima, R. (2016). Relação professor de educação física e alunos: Teoria, investigação e intervenção. In D. Bartholomeu, J. M. Montiel, A. A. Machado, A. R. Gomes, G. Couto, & V. Cassep-Borges (Eds.), *Relações interpessoais concepções e contextos de intervenção e avaliação* (pp. 133-153). São Paulo, Brasil: Vetor Editora.
- Roldão, M., (2008). *Gestão do Currículo e Avaliação de Competências: as questões dos professores* (5ªEd.). Lisboa, Editorial Presença.
- Rosado, A., & Ferreira, V. (2009) Promoção de Ambientes Positivos de Aprendizagem. In A. Rosado & I. Mesquita (Eds.). *Pedagogia do Desporto*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.

- Rosado, A., & Mesquita, I. (2009). Melhorar a aprendizagem otimizando a instrução. In A. Rosado & I. Mesquita (Eds.) *Pedagogia do Desporto* (pp. 69-130). Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.
- Sarmiento, P. (2004), *Pedagogia do Desporto e Observação*. Cruz Quebrada: FMH Edições.
- Seabra, C., Silva, E., & Resende, R. (2016). A prática de Ensino Supervisionada em Educação Física. *Journal of Sport and Pedagogy and Research* 2 (3), 32-47.
- Siedentop, D. (1983). *Developing teaching skills in Physical Education*. Second edition. Palo Alto: Mayfield Publishing Company.
- Silva, J. F., Zamai, C. A. & Silva, L. S. F. (2012). Avaliação em educação física escolar. *III Congresso Latinoamericano de Estudios Socioculturais del Deporte*. Chile: Universidad de Concepcion.
- Vickers, J. N. (1990). *Instructional Design for Teaching Physical Activities a Knowledge Structures Approach*. Champaign, IL: Human Kinetics.

Legislação consultada

Decreto-Lei n.º 240/2001 de 30 de agosto. *O regime de qualificação para a docência na educação pré-escolar e nos ensinos básico*.

Decreto-Lei n.º 63/2016, de 13 de setembro. D.R. n.º 176, Série I de 2016-09-13, do ministério da ciência, tecnologia e ensino superior. *Cria o diploma de técnico superior profissional e procede à segunda alteração ao Decreto-Lei n.º 64/2006, de 21 de março, à quarta alteração do Decreto-Lei n.º 74/2006, de 24 de março, e à primeira alteração ao Decreto-Lei n.º 113/2014, de 16 de julho*.